



Homero e a cultura da morte: um olhar sobre a bela morte e seu papel na Grécia antiga.

Palavras-chave: Bela morte; Homero; Ilíada; Grécia Antiga.

Bolsista: Rafaela Gonzaga Mazzarello, 236523

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (UNICAMP)

Co-orientador: Prof. Dr. Filipe Noé da Silva (FAED/UDESC)

Introdução

Longe de ser um conceito simples, permanente e definitivo, a morte pode ser considerada uma das experiências mais complexas da existência humana. Para além de seu aspecto natural e físico, é possível abordá-la por sua dimensão histórica e sociocultural, percebendo, por exemplo, o desenvolvimento de ideologias funerárias, as quais definem toda uma rede de atitudes e representações que mobilizam o imaginário de uma determinada comunidade. Embora entender a ideologia funerária apenas como um sistema de representações seja uma simplificação grosseira e vaga, essas representações são de grande contribuição para refletirmos a respeito da transmissão de mensagens e ideologias. De fato é importante buscar entender mais atentamente os processos que permitem que seja disseminado um discurso ideológico que celebre a morte, mas seria prejudicial passar por cima de símbolos que exercem tanta influência dentro de uma sociedade e que possuem potencial duradouro caso continuamente projetados, repetidos e renovados. É extremamente interessante notar essa capacidade que possuem de deixarem marcas para além de esferas restritas de tempo, espaço, cultura, etc.

A partir dessas discussões sobre a vida e a morte, fica claro que não encontramos uma imagem harmoniosa e estática, principalmente ao ter em mente a forma como as sociedades inevitavelmente desenvolvem novos conjuntos de crenças e práticas; o imaginário comum se capilariza em uma extensa gama de usos, narrativas e discursos. É possível argumentar, portanto, que as várias contradições que encontramos nos ideais gregos, assim como nas frases e símiles sobre a morte, não são erros, mas sim formas de pensar e tentar aliviar as muitas incertezas que o ser humano sente em relação à sua própria mortalidade. Criando uma ponte direta com a fonte primária desta pesquisa, encontramos na dissertação de mestrado de Camila Zanon, *A Ilíada de Homero e a Arqueologia*, uma relação entre essas contradições e as epopeias: “Mesmo que Homero ambiente sua épica num passado distante e heroico, este precisa ser compreensível à sua audiência. Talvez os anacronismos cometidos por ele nada mais sejam do que os elementos que conferiam à sua audiência uma atmosfera de autenticidade; (...)” (ZANON, C. A., 2008, p.168).

A maneira como o ser humano relaciona-se com a morte, fortemente permeada por uma dimensão histórica e sociocultural variável, conta com um extenso *corpus* simbólico que opera dentro de um intrincado sistema de representações e atitudes. Saber lidar, portanto, com o fato de que esse *corpus* sofreu, e continua a sofrer, inúmeras modificações e renovações é essencial para o desenvolvimento de reflexões sobre a continuidade e ruptura de elementos sociais e culturais nas mais diversas sociedades.

Metodologia

A fonte aqui trabalhada, a *Ilíada* de Homero, conta com um número extenso de traduções e interpretações. Para uma leitura mais completa e crítica, mobilizando diferentes tipos de abordagens linguísticas, foram escolhidas três edições para serem trabalhadas: (1) Edição brasileira Penguin, lançada em 2012 e traduzida por Frederico Lourenço; (2) Edição Editora 34, lançada em 2020 e traduzida por Trajano Vieira; (3) Edição Penguin Classics britânica, lançada em 2014, traduzida originalmente por E. V. Rieu, revisada e adaptada posteriormente por Peter Jones. Para complementar a leitura, e ajudar a guiar a discussão principal em torno do tema da bela morte e do *status* heroico, uma extensa bibliografia foi mobilizada ao longo do desenvolvimento da pesquisa, dando destaque para as obras de Jean Pierre Vernant (1978), Jasper Griffin (1980), Emily Vermeule (1981), James Redfield (1994) e Hans Van Wees (2023).

Discussão e resultados

A crença grega não enxergava a morte como um fenômeno de ruptura instantânea, mas sim como um processo que exigia um conjunto de ritos, a serem realizados pelos vivos em prol do morto, para que essa transição pudesse ser devidamente completa. O funeral grego que era dividido em três momentos (*prothesis*; *ekphora*; e a deposição dos restos cremados ou sepultados), por exemplo, foi algo de representação considerável nas fontes iconográficas, e são cenas muito interessantes para debater e tentar entender não só as práticas desenvolvidas pelos gregos e suas modificações posteriores, como também a forma como construíam suas narrativas por meio da arte e seu diálogo com a forte tradição oral. Em *Greek burial customs*, Kurtz e Boardman defendem que: “(...) embora tenham sido considerados representativos de cerimônias funerárias em honras de heróis, mitos e lendas, muitos detalhes da iconografia refletem práticas contemporâneas” (KURTZ, D. C.; BOARDMAN, J., 1973, p.A). É possível entender, portanto, que a recepção de uma imagem específica produzida no mundo grego podia variar dependendo da dinâmica específica com a qual tinha contato, retomando a ideia de que nenhum desses elementos simbólicos e representativos eram imutáveis, ainda mais tendo em mente que a construção do imaginário e o desenvolvimento da ideologia em torno dos mortos na cultura visual grega, como também na oral, foi realizada através de várias gerações de artistas. Aqui recorro à teoria de Philipp Bruneau, na qual temos que a imagem não é uma simples reprodução do mundo, argumentando que toda representação pode ser vista como uma idealização de um grande número de elementos articulados dentro de um sistema (BRUNEAU, 1984). Contamos, desse modo, com uma própria e complexa historicidade desse *corpus*.

Ao trabalhar com elementos da antiga tradição homérica, mais especificamente, como aqui é o caso, é interessante pensar na exaltação das façanhas realizadas pelos grandes heróis como principal tema das poesias. Mais interessante ainda é refletir sobre sua consolidação dentro de uma memória mítica, constantemente acionada por gerações, através da proclamação de cantos. Jean Pierre Vernant, estudioso que assume importância central nas discussões do tema, descreve a poesia épica não como um simples gênero literário, mas também como uma das formas desenvolvidas pelos gregos, para além do funeral, de “dar uma resposta para o problema da morte, no intuito de cultivar a morte e integrá-la no pensamento social e na vida.” (VERNANT, 1991). A própria exaltação da bela morte em Esparta e Atenas, no período clássico, evidencia a continuidade e manutenção do prestígio desse ideal

heroico, mesmo que com adaptações, e seu impacto sobre os costumes socioculturais, até mesmo em contextos históricos distantes do mundo homérico.

A trama da *Iliada* constroi-se ao longo de três estágios: (1) o gradual dismantelamento da importância para os guerreiros da razão originária da guerra (o rapto de Helena por Páris), tendo início logo nos primeiros versos da epopeia, com a briga entre Aquiles e Agamêmnon, e terminando logo no Canto III, com o duelo entre Menelau e Páris; (2) a substituição de Helena como motivo principal para a batalha pela glória, assim como pelo desejo de ser o melhor e mais ilustre dos homens, marcado pelo duelo entre Ájax e Heitor, no canto VII; (3) uma justaposição dos outros dois estágios, na qual vingar-se da morte de Pátroclo passa a ser o motivo de luta, levando à morte de Heitor pelas mãos de Aquiles no canto XXII. É possível até mesmo considerar que a profunda dimensão trágica presente na epopeia baseia-se justamente na lucidez com a qual os heróis encaram a mortalidade e a finitude humana. As longas e poéticas falas carregam o peso psicológico do poema, reforçando a extrema complexidade não só do próprio ser humano, mas também da construção e manutenção desse *status* heroico e seus valores. É através dessas falas que é revelado quem são esses heróis, quais são seus objetivos e incentivos, qual é sua linhagem e, principalmente, como reagem aos outros. É, inclusive, interessante refletir sobre o significado de cada palavra utilizada, pois acabam por apresentar ao público conceitos de grande importância de forma implícita em cada um desses termos.

Partindo para a temática central da pesquisa, a bela morte pode ser definida como uma forma de morrer que confere ao guerreiro, já morto, um conjunto de valores, qualidades e prestígios, elevando-o a um estado de glória eterna e concretizada num canto. Em Homero, mais especificamente, representa o jovem guerreiro que, no auge de sua virilidade e juventude, morre, corajosamente, em batalha. É extremamente interessante refletir sobre como o guerreiro, mesmo que fisicamente morto, permanece vivo na memória e no imaginário de sua sociedade, através da exaltação de seus feitos e de seu destino por cantos, explicitando a íntima ligação entre a morte, a poesia e o heroísmo no imaginário grego antigo. Esses discursos comemorativos davam à morte do herói uma existência eterna na memória social e coletiva. Assim, para uma cultura na qual a verdadeira morte é o esquecimento, existir é, tanto vivo como morto, ser reconhecido, honrado e glorificado por seus pares. Jean Pierre Vernant, tendo isso em mente, apresenta como tese que o ideário heroico constitui uma das respostas que os gregos elaboraram frente ao problema do declínio inevitável das forças e da fatalidade da morte. Logo, essa idealização da morte pode ser entendida como uma tentativa de não cair no esquecimento e no anonimato, afirmando a permanência social de sua individualidade na memória social de seu povo.

Mesmo assim, Homero reitera ao longo do poema que os heróis não querem morrer; desejam retornar para casa e para suas famílias. A batalha é considerada um meio que lhes dá a oportunidade de conquistar uma boa reputação entre seus pares, assim como a tão desejada glória. Robert Garland, em sua obra *The Greek way of death*, ressalta essa postura: “Infinitamente a vida era preferida em relação à morte. Mas não a vida a qualquer custo. Existia um momento certo e um lugar certo para morrer: na épica homérica e no período arcaico a morte no campo de batalha era mais honrável que a velhice inglória” (GARLAND, R., 1985, p.123). A mortalidade do ser humano é algo pontuado e reforçado com frequência pelo poema, sublinhando que todos são mortais e nem mesmo os grandes heróis podem usufruir da imortalidade. Jasper Griffin em sua obra *Homer on life and death*, defende que se o herói fosse de fato divino e, assim como os deuses, isentos da morte, então não seriam heróis. Para o autor, é justamente a pressão da mortalidade que faz com que os busquem fervorosamente conquistar e manter esse *status*.

Frente à inevitável finitude da vida, nos deparamos com a ideia de que para esses guerreiros, morrer por algo é infinitamente melhor do que morrer por nada. Desse modo, a glória que os imortalizarão na memória social e cultural, impedindo que caiam no esquecimento, passa a ser o objetivo principal de suas lutas. Esse louvor é o mais próximo que podem chegar da imortalidade. Na *Ilíada*, inclusive, é possível notar que o heroísmo significa, mais do que a bravura inconsequente, estar desapegado de ilusões e esperanças, enfrentando a morte de frente e preparado para morrer. O herói, portanto, passa a ser entendido como o tipo de homem que busca transformar seu destino em algo que possa ser lembrado e mencionado por gerações. Encontramos um paradoxo nessa ideologia: os heróis realizam ações extraordinárias que constantemente desafiam sua mortalidade, porém, quanto mais se aproximam da grandeza, mais iminente encontra sua morte.

Conclusões

É fato que a *Ilíada*, com sua rica tradição cultural e acadêmica, conta com diversas interpretações e abordagens desenvolvidas por estudiosos dos mais diversos campos das ciências humanas. No entanto, James Redfield, em sua obra *Nature and culture in the Iliad: the tragedy of Hector*, apresenta uma das chaves de leitura mais interessantes, defendendo uma perspectiva que contribuiu muito para o desenvolvimento da presente pesquisa: “Aquiles é o grande herói da *Ilíada*, e a *Ilíada* é a história da morte de um herói; mas Aquiles não morre na *Ilíada*. A morte de Aquiles - ou melhor, sua mortalidade - é uma fatalidade da *Ilíada*, mas o *pathos* do poema é concentrado na morte de Heitor” (REDFIELD, J. M., 1984, p.29). A morte de Heitor, portanto, assume um papel extremamente simbólico, construída de maneira a representar a queda de Troia.

O Canto XXII da epopeia, desse modo, assume posição central para o debate, construindo-se a partir do cuidadoso e detalhado desenvolvimento de um único evento: a morte de Heitor, sua preparação e sua imediata reação. O embate entre os dois maiores heróis da Guerra de Troia é emblemático, o que torna o episódio extremamente emotivo, e muito desse poder emocional resulta do fato do público ser apresentado à cena através da perspectiva de Heitor. Nos momentos finais do Canto, quando Aquiles corta a garganta de Heitor, temos contato com as impactantes últimas palavras do herói troiano, corroborando com a ideologia trabalhada até aqui sobre a morte heroica e a noção de bela morte:

“Ah, na verdade os deuses chamaram-me para a morte. Pois eu pensava que o herói Deífobo estava ao meu lado. Mas ele está dentro da muralha e foi Atena que me enganou. Agora está perto de mim a morte malévola; já não está longe, nem há fuga possível. Era isto de muito agradável a Zeus e ao filho de Zeus que acerta ao longe, que antes me socorriam de bom grado. Agora foi o destino que me apanhou. *Que eu não morra de forma passiva e inglória, mas por ter feito algo de grandioso, para que os vindouros de mim ouçam falar*” (Hom. *Il.* XXII, 297-306) - Tradução Penguin.

Heitor, logo no início do canto, depara-se com Aquiles e claramente sente medo e insegurança em suas habilidades, o que faz com que, neste primeiro momento, fuja. No entanto, essa fuga, mesmo que envolva um debate mais aprofundado sobre a questão da covardia, não faz com que o valor de Heitor diminua, apenas ressalta a grandiosidade de Aquiles: “Por aí correram, um deles fugindo, o outro perseguindo. À frente fugia um homem valente, mas outro muito melhor o perseguia depressa: pois não era por animal sacrificial ou pela pele de um boi que competiam, prêmios nas corridas de homens, mas pela vida de Heitor domador de cavalos” (Hom. *Il.* XXII, 157-161). A decisão de Heitor de enfrentar Aquiles é fortalecida pelos incentivos de *aidos* (a vergonha que

enfrentaria caso não cumprisse sua obrigação social para com seu povo), e a *kléos* (a perspectiva de fama eterna). Heitor reconhece seu destino, tem consciência de sua própria mortalidade, ainda mais frente a um oponente tão grandioso como Aquiles, e sabe que não resta nada mais exceto a esperança pela *kléos*. Além disso, teme o desprezo dos cidadãos de Troia, e justamente esse temor de sua reputação ser manchada e sua *areté* (excelência) desmantelada, faz com que decida enfrentar Aquiles. Por não poder vencer, e muito menos sobreviver, precisa cumprir suas obrigações em virtude de sua condição de guerreiro, transformando, assim, sua morte em glória imperecível.

Tendo isso em mente, é possível identificar dois conceitos-chaves para entender o conceito de bela morte: (1) *Géras*, que pode ser entendida como o reconhecimento da superioridade do herói, tanto de função como de posição, representando uma das prioridades do guerreiro homérico. Para além da vantagem material, é também uma marca de prestígio e supremacia social, na qual concede ao herói inúmeros privilégios dentro de sua comunidade. (2) *Kléos*, que pode ser entendida como um tipo específico de identidade social; é a fama que o acompanha para além da morte e sua ambição suprema em batalha.

O código heroico está longe de ser completo e unívoco. Ainda há espaço para muito debate em torno do tema, mas já é claro a forma como a bela morte e o *status* heroico acentuava as diferenças entre o herói e o resto da sociedade. A *Ilíada*, em meio disso, narra um breve recorte de uma guerra emblemática, mas acima de tudo sublinha a inevitável mortalidade do ser humano. Mesmo que Aquiles ainda seja considerado por muitos o grande herói da *Ilíada*, não há como desconsiderar a primordial importância e contribuição do estudo da vida, das façanhas e da morte de Heitor para abordar os heróis homéricos, sua mortalidade e sua influência na cultura, nos costumes e na política grega.

Documentação

HOMER. *Iliad*. Translated by: E. V. Rieu & Peter Jones. Editora Penguin, 2014.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Frederico Lourenço. Editora Penguin, 2012.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Trajano Vieira. Editora 34, 2020.

Referências bibliográficas

BERNADETE, Seth. *Achilles and Hector: the homeric hero*. St. Augustine's Press, 2005.

CLAY, Jenny Strauss. Dying is hard to do. *Colby Quarterly*, v. 38, n.1, p.7-16, 2002.

DE OMENA, Luciane Munhoz; Funari, Pedro Paulo Abreu. *As experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares*. Paco Editorial, 2017.

GARLAND, Robert. *The Greek way of death*. Cornell University Press, 2001.

GRIFFIN, Jasper. *Homer on life and death*. Oxford University Press, 1980.

GRILLO, José Geraldo da Costa. *A Guerra de Troia no imaginário ateniense: sua representação nos vasos áticos do século VI-V a.C.* Tese de Doutorado, São Paulo, 2009.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro*. Minas Gerais: Editora UFMG, 1999.

KURTZ, Donna C.; BOARDMAN, John. *Greek Burial customs*. The Camelot Press LTD, 1973.

MALTA, André. *Homero múltiplo*. São Paulo: EDUSP, 2012.

PACHECO, Antônio de Pádua. *A honra, a glória e a morte na Ilíada e na Odisseia*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2009.

REDFIELD, James M. *Nature and Culture in the Iliad: The tragedy of Hector*. Duke University Press, 1994.

SOURVINOU-INWOOD, Christine. "Reading" Greek death: to the end of the classical period. Oxford University Press, 1996.

VAN WEES, Hans. *Status warriors: war, violence and society in Homer and history*. Vol. 9. Brill, 2023.

VERMEULE, Emily. *Aspects of death in early Greek art and poetry*. University of California Press, 1981.

VERNANT, Jean Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discurso*, n. 9, p.31-62, 1978.

ZANON, Camila Aline. *A Ilíada de Homero e a Arqueologia*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008.